

conjunto de fontes documentais, poemas e epístolas, documentos recolhidos no ARSI, relativas a Inácio Martins, que em muito corroboram a vida exemplar do Padre jesuíta.

Se a elegia constitui um documento a ser considerado como fonte, das primeiras e das mais bem informadas, de uma das figuras mais emblemáticas da Companhia de Jesus em Portugal, na segunda metade do século XVI, o estudo de José Adriano de Carvalho colocou da forma mais rigorosa os problemas levantados pelo contexto religioso, pela biografia e pela memória edificante do Padre Inácio Martins.

*Sara Augusto*

**VÁRIAS RIMAS AO BOM JESUS/DIOGO BERNARDES**

**MARIA LUCÍLIA GONÇALVES PIRES**

(ed., introd. e notas)

**Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 2008**

**265 páginas, ISBN 9789729967030**

A edição das *Várias Rimas ao Bom Jesus*, de Diogo Bernardes, levada a cabo por Maria Lucília Gonçalves Pires, acrescentada de uma introdução e de notas de extrema utilidade, foi publicada pelo Grupo de Investigação “Sociabilidades, práticas e formas do sentimento religioso” do CITCEM. A edição deste cancioneiro de Diogo Bernardes permite ao leitor dos nos-

sos tempos aceder a um dos autores mais emblemáticos da sua época, entre os finais do século XVI e os inícios do século XVII, ou seja, coincidindo com a poética do maneirismo.

Na “Introdução”, Maria Lucília G. Pires coloca os problemas levantados pela publicação das *Várias Rimas*, pela biografia do autor e pelo contexto em que ambos se integram, tendo em conta a mais recente bibliografia publicada sobre a matéria. Apresentada pelo próprio Diogo Bernardes, como uma compilação de “pias rimas, compostas em diversos tempos e lugares” (p. 5), o assunto do “cancioneiro espiritual” inclui outras composições de temas “de honesta e proveitosa lição” (p. 5). Apesar de organizada e dividida em quatro partes, a obra caracteriza-se por uma considerável heterogeneidade temática e prosódica.

A primeira questão polémica relaciona-se com a organização do volume, contrapondo opiniões que implicam a presença assídua de Diogo Bernardes à convicção do papel fundamental neste caso exercido pelo editor. Nesta polémica ganha importância o dado biográfico da morte do poeta em 1594, dado hoje comumente aceite, e Maria Lucília G. Pires reconhece a justeza prudente do artigo de Luís de Sá Fardilha, sobre a obra, o autor e os contextos, no número 5 da revista *Via Spiritus* (1998), que considera “diferente e inovadora” (p. 7). Com efeito, fundado em dados objetivos, como são as datas das licenças dos dois primeiros volumes da

obra de Diogo Bernardes e os elementos paratextuais, Luís de Sá Fardilha aponta para uma forte intervenção do editor. Deste poderia ser a responsabilidade da heterogeneidade do volume e mesmo da inclusão de poemas que aparecem insertos em outras obras de Diogo Bernardes (p. 8).

Pelo facto de se integrar nas correntes de sensibilidade religiosa dominantes no virar do século XVI para o século XVII, as *Várias Rimas* viram garantido um “relativo êxito editorial”. Desta espiritualidade destaca-se a meditação sobre a humanidade de Cristo e o tom penitencial de muitos dos poemas publicados no volume. Os poemas sobre a Paixão são o melhor exemplo desta religiosidade epocal, resultado não só das orientações proporcionadas pelas ordens religiosas, como também da leitura e da meditação de obras de espiritualidade que circularam e orientaram a prática da vida religiosa no final do século XVI. Com efeito, as “pias rimas” estavam profundamente sincronizadas com a religiosidade do seu tempo (p. 13).

Da meditação sobre a Paixão provém grande parte do largo caudal de lágrimas e dos “rios de pranto” que invadem os poemas (p. 13). Tendo-se como pecador, o poeta vê e identifica-se com o sofrimento do Crucificado, posição acentuada pelo “dramatismo e visualismo patético” (p. 13), expressão recolhida no trabalho fundamental de Vítor Aguiar e Silva, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa* (1971).

O percurso espiritual do reconhecimento da culpa, do arrependimento e da necessidade de conversão desenha-se ao longo dos poemas, encontrando na figura do apóstolo S. Pedro um *alter ego* adequado aos sentimentos, tema glosado abundantemente em finais de Quinhentos. Este tema permitiu a Maria Lucília G. Pires analisar a relação entre a poesia de Diogo Bernardes relativa “às lágrimas de S. Pedro” e o poema de Luigi Tansillo, *Le lagrime di San Pietro*, de que Faria e Sousa a considerou tradução. A comparação feita por Maria Lucília G. Pires permitiu-lhe concluir justamente como “embora em muitos passos do poema Bernardes se fique pela tradução (poeticamente conseguida, diga-se) do texto de Tansillo, em muitos outros momentos procede a uma reelaboração do original e, na senda da imitação do seu modelo, explora caminhos que lhe são próprios” (p. 18).

Com as abundantes lágrimas que marcam o universo poético das *Várias Rimas*, sobretudo do conjunto de poemas que pode ser designado de “cancioneiro do cativo”, relacionam-se também as “circunstâncias dolorosas vividas pelo poeta, sobretudo a dramática experiência do cativo em Marrocos” (p. 21). A história do seu cativo, as trágicas circunstâncias em que ocorreu, com a fatídica perda do rei, dos companheiros e da pátria, são os elementos que pranteia, sobretudo nas duas elegias compostas “estando cativo” (p. 21), alcançando “por vezes

expressões conseguidas” na sua tentativa de exprimir a dor que parece indizível. O pranto é também a reação à morte de pessoas ilustres, sendo de realçar a “Elegia à morte de El-rei D. João III”, que claramente se insere na tradição do pranto poético, material já estereotipado na tradição literária, “a que acresce o reforço da visão cristã da morte e a meditação desolada acerca da miséria e efemeridade da vida” (p. 23), resultando numa aspiração final a uma “purificação inatingida”.

Num contexto em que a poesia se impunha como “forma superior de conhecimento, como meio capaz de vencer o tempo perpetuando nomes e memórias, como instrumento de elevado valor pedagógico de efeito moral e cívico” (p. 25), também Diogo Bernardes nos seus poemas, tanto de temática religiosa como profana, realizou esta conjugação do efeito estético com a eficácia da lição. Nos textos religiosos, em clara supremacia no conjunto das *Várias Rimas*, o louvor a Cristo e à Virgem conjuga-se com o exercício de uma influência transformadora sobre os leitores no sentido do arrependimento e da conversão. No que diz respeito aos poemas de caráter profano, a sua dimensão áulica, tendo em conta a poesia como instrumento de celebração e perpetuação da memória, torna-se o aspeto mais relevante: “São gestos de homenagem a importantes personagens a quem o poeta se sente ligado por relações de dependência pessoal ou política” (p. 30). Em qualquer um

dos casos, poesia religiosa ou profana, Diogo Bernardes é o “claro reflexo do universo histórico-religioso e espiritual” em que se integra, executante dos códigos sociais e literários da época.

A edição do texto da primeira edição (1594) seguiu critérios bem determinados, oferecendo uma leitura ao mesmo tempo rigorosa e eficaz. Por outro lado, a anotação levada a cabo por Maria Lucília G. Pires, abordando tanto aspetos formais como temáticos, potencia uma orientação da leitura, esclarecendo sobretudo aspetos obscuros e menos evidentes no que diz respeito a circunstâncias e intertextualidades. Se as *Várias rimas ao Bom Jesus* são uma obra do seu tempo, a presente edição constitui também um dos melhores exemplos da edição dos textos desta época, correspondendo às necessidades de um leitor de características distintas no que diz respeito aos conhecimentos e à motivação.

Sara Augusto

#### **ALMANAQUES E OUTROS DISPERSOS/ EÇA DE QUEIRÓS**

**IRENE FIALHO (ed.)**

**Lisboa, Imprensa Nacional – Casa  
da Moeda, 2011**

**365 páginas, ISBN 9789722719414**

Irene Fialho é a responsável científica de mais este volume da edição crítica das obras de Eça de Queirós. Integrado na secção “Vária” do Plano Editorial